

permitindo a ampliação do mercado interno e sua vinculação ao surto industrial, embora o crescimento entre o setor industrial e o agrícola seguisse ritmos muito diversos; o alastramento das relações capitalistas ao campo, em extensas áreas do país, aquelas mais próximas dos grandes centros urbanos, denunciava as alterações por que passava o país. Assim, o avanço dessas relações, no Brasil, acompanha e associa condições externas e condições internas, em relação dialética. E assinala, por outro lado, períodos iniciais de liberdade política encerrados pela violência de classe: um período de liberdade que se abre com a Revolução de 1930, conseqüente à crise de 1929, e que se encerra com o estabelecimento do Estado Novo, forma autoritária à semelhança dos regimes fascista e nazista, em ascensão no mundo ocidental, como o militarismo japonês, no oriental; um período de liberdade que se abre com a derrota militar do nazi-fascismo na Europa e do militarismo japonês na Ásia, em 1945, e que percorre tortuosos caminhos, para ser encerrado, finalmente, com o regime autoritário instaurado em 1964, depois de uma série de golpes de Estado e de tentativas de golpes. Esse desenvolvimento fica, assim, assinalado por avanços e recuos políticos significativos, que denunciam a resistência das velhas estruturas à mudança, e a mudança avançando por arrancos. O desenvolvimento capitalista brasileiro, assim, assemelha-se a uma roda quadrada, cujo giro corresponde a sucessivos abalos. Em escala macroscópica, ela assinala a acomodação da estrutura interna de produção, ao longo do tempo: de estrutura colonial à dominação feudal metropolitana; da estrutura dependente, ao avanço capitalista no ocidente europeu; da capitalização, ao imperialismo.

Trata-se do processo de uma revolução burguesa singular, que pretende excluir o proletariado de seus benefícios e que se apóia nele, e lhe faz concessões, e adiante se volta contra ele, impedindo as suas formas de organização e fundando a acumulação sobre o salário e os vencimentos fixos de parcelas consideráveis da pequena burguesia. Nesse processo, dito de desenvolvimento, as formas políticas de intervenção e de orientação podem ser copiadas, mas as razões da cópia residem em condições internas, específicas. Sucedem-se, assim, fases de liberdade, sempre relativa, é claro, e fases de ditadura; nas crises desse processo de avanço aos arrancos, as formas ditatoriais surgem inevitavelmente. Elas manifestam a presença e a força das velhas estruturas, que resistem: o latifúndio, em declínio, e o imperialismo, em